

Fernando Pessoa

**Ela canta, pobre ceifeira,**

Ela canta, pobre ceifeira,  
Julgando-se feliz talvez;  
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
De alegre e anónima viuvez,

Ondula como um canto de ave  
No ar limpo como um limiar,  
E há curvas no enredo suave  
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,  
Na sua voz há o campo e a lida,  
E canta como se tivesse  
Mais razões para cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!  
O que em mim sente está pensando.  
Derrama no meu coração  
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso! Ó céu!  
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!  
Entra por mim dentro! Tornai  
Minha alma a vossa sombra leve!  
Depois, levando-me, passai!

s. d.

**Poesias.** Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.)  
Lisboa: Ática, 1942 (15<sup>a</sup> ed. 1995): 108.

1<sup>a</sup> publ. in **Athena**, n<sup>o</sup> 3. Lisboa: Dez. 1924.